

# Mercado de pagamentos em dados

3º Tri 2023

Pix e cartões batem novos recordes no 3º trimestre de 2023



instituto

**Propague stone**



## Sumário executivo

Nesta edição do Pagamento em Dados trazemos a análise dos resultados do 3º trimestre de 2023. O período marca a consolidação de algumas tendências que vinham sendo apontadas nas edições anteriores, com destaque para o **crescente aumento do uso do Pix no mercado P2B** e o aumento do uso das modalidades *online* e *contactless* nos pagamentos com cartões. Já nos setores de **comércio varejista e serviços se observa sinais de arrefecimento**, com destaque para a queda dos serviços após um bom primeiro semestre de 2023.

Um destaque do período é o aumento constante do uso do Pix, tanto para transferência direta de recursos quanto como opção de pagamento. Ao final de setembro de 2023, o montante transacionado por meio do **Pix** atingiu a expressiva marca de **R\$ 1,54 trilhão**, um aumento de aproximadamente 51% em comparação a setembro de 2022. O **ticket médio** na modalidade foi de cerca de **R\$ 399** por transação, uma redução de aproximadamente 10,6%, em relação ao mesmo período do ano passado. Este declínio evidencia a consolidação do Pix como o principal instrumento de transferência no cotidiano. Outra tendência que parece se consolidar é o uso do Pix como meio de pagamento: de setembro de 2022 a setembro de 2023, a participação do **Pix P2B alcançou ~15,7% do volume total de transações**

no mercado, um crescimento de 4,85 p.p. Essa mudança ocorreu, em grande parte, à custa da utilização de boletos, que apresentou uma redução de aproximadamente 5,4 pontos percentuais no mesmo período. Já a participação de cartões no mercado P2B manteve-se praticamente estável em comparação ao mesmo período de 2022, com um pequeno aumento de 0,5 p.p.

Outras tendências que se reforçaram no terceiro trimestre de 2023 foram o aumento do uso de cartões em compras *online* (gastos não presenciais) e a crescente adoção de pagamentos por aproximação (*contactless*). No 3º trimestre de 2023, gastou-se aproximadamente **R\$ 212,2 bilhões por meio de transações não presenciais com cartões**, um aumento de ~13% em comparação ao mesmo período de 2022. Chama a atenção que o uso do cartão de débito em compras remotas cresceu 40% no período, acima da média nos últimos anos. Já os pagamentos **contactless** registraram, no 3º trimestre de 2023, um crescimento de ~66% em comparação ao mesmo período do ano passado, totalizando um valor de aproximadamente **R\$ 256,5 bilhões**. No período, aproximadamente 52,3% das transações presenciais realizadas com cartão ocorreram por meio da tecnologia de aproximação. A expectativa é de que até o final do ano 56% das transações com cartões no país sejam via *contactless*.



Em termos de quantidade de transações totais com cartão, o período marcou um notável **recorde de 119 milhões de pagamentos diários realizados por cartão**, um crescimento de 5,9% nas transações de débito, 35% nas transações pré-pago e um aumento de 11,3% nas transações com cartão de crédito, sempre comparando com o mesmo período do ano passado. É importante destacar a reversão da tendência de queda no volume transacionado com cartão de débito. Após esse número apresentar declínio, como destacado nos últimos relatórios, o resultado positivo de crescimento no uso dessa modalidade no 3º trimestre de 2023, tanto em termos de volume transacionado quanto em termos de quantidade de transações, reforça a ideia de que a evolução do uso do cartão de débito no Brasil ainda requer mais dados ao longo do tempo para consolidar uma tendência mais clara.

Um fator que influencia diretamente o mercado de cartões no país é a situação geral da economia, sobretudo a trajetória da **taxa de inadimplência** total associada às transações realizadas com cartão de crédito por pessoas físicas, que vinha aumentando consistentemente desde o segundo semestre de 2021, mas registrou uma queda no terceiro trimestre de 2023. Ao final do 3º trimestre de 2023, tal taxa atingiu aproximadamente 8,3%, representando uma **redução de 0,34 p.p.** em relação ao patamar de junho de 2023. Essa diminuição, embora modesta, é significativa por ocorrer após um período prolongado de sucessivos aumentos nesta métrica de risco.

Em relação à atividade econômica, confirmando os sinais de arrefecimento apontados na última edição deste relatório, o 3º trimestre evidenciou dificuldades para a manutenção do bom desempenho do **setor de serviços**, que apresentou, em set/23, uma **queda de 1,2%** em comparação a set/22. Contudo, o resultado bastante expressivo do primeiro semestre ainda 'segura' números positivos para o setor no agregado dos primeiros nove meses de 2023 em comparação com o mesmo período do ano passado. Já o **varejo** apresentou **sinais de estabilização** com um baixo **crescimento de 0,8%** no varejo restrito no 3º trimestre, em relação ao trimestre

anterior, e manutenção do patamar do varejo ampliado no mesmo período.

O **Índice Stone Varejo**, importante métrica que acompanha a atividade do comércio varejista do país e tem como uma de suas vantagens uma frequência de divulgação mais rápida que a da PMC, já apresenta dados divulgados de outubro, com nova queda do volume de vendas do varejo, o que **sugere cautela para as expectativas do final de ano**.





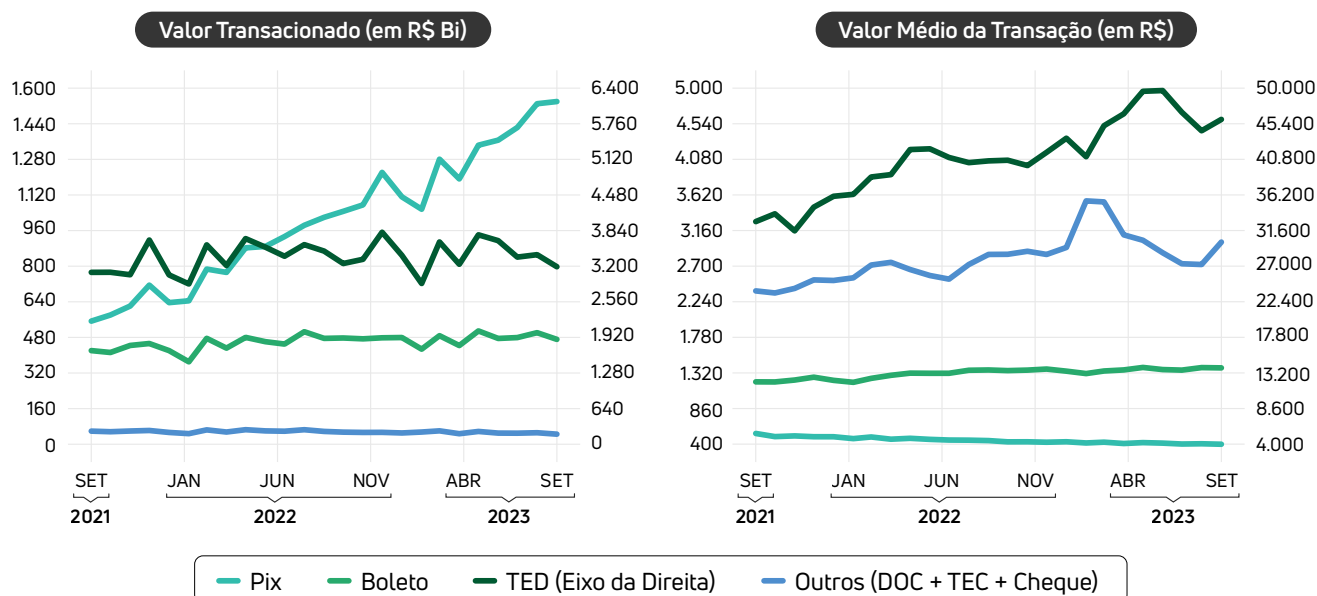
# 1. Mercado de Pagamentos

O terceiro trimestre de 2023 consolidou ainda mais a tendência crucial destacada em todas as edições do relatório 'Pagamentos em Dados': os dois principais impulsionadores do processo de digitalização da economia brasileira foram, mais uma vez, a ampla adoção do cartão em todas as suas modalidades e a crescente consolidação e utilização rotineira do Pix pela população. As **Figuras 1 e 2** enfatizam o aumento constante do uso do Pix no país, tanto como meio direto de transferência de recursos quanto como opção de pagamento. Por sua vez, as **Figuras 3 a 5** examinam detalhadamente a disseminação do cartão e seu papel significativo na digitalização da economia brasileira.

A **Figura 1** revela que, ao término do tercei-

ro trimestre de 2023, em setembro, o montante transacionado por meio do Pix atingiu a expressiva marca de R\$ 1,54 trilhão. Em comparação com setembro de 2022, esse valor representa um aumento de aproximadamente 51%. O fato notável aqui é que, mesmo após mais de dois anos desde o seu lançamento e com um crescimento de utilização considerável nesse período, o Pix ainda registra um crescimento impressionante de 50% em apenas um ano. Ao compararmos com dezembro de 2022, observamos um crescimento de cerca de 26%, o que também chama a atenção, uma vez que dezembro, tradicionalmente, é o mês de maior destaque em termos de atividade econômica no país, devido às festividades de final de ano.

**Figura 1: Meios de Pagamentos e Transferências**



Fonte: Banco Central.

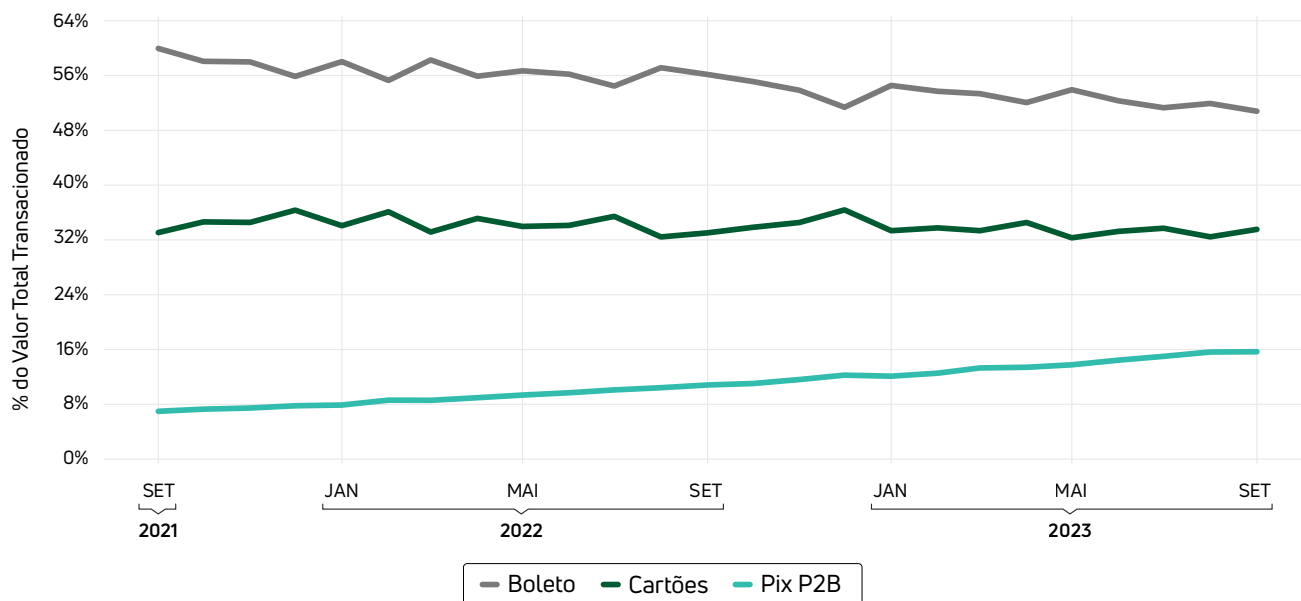
Além do notável crescimento no volume de transações, o ticket médio do Pix registrou uma redução de aproximadamente 10,6% entre setembro de 2022 e setembro de 2023, atingindo cerca de R\$ 399 por transação. Esse declínio evidencia ainda mais a abrangência completa do uso do Pix pelos brasileiros, consolidando-se como o princi-

pal instrumento de transferência no dia a dia. Já na análise das demais modalidades apresentadas na **Figura 1**, observou-se uma diminuição de cerca de 7,4% no valor total transacionado entre setembro de 2022 e setembro de 2023, ao passo que também se observa um aumento no ticket médio de aproximadamente 0,62% no mesmo período.

A **Figura 2**, por sua vez, evidencia a participa-

ção do Pix no bolo das transações de pessoas para empresas (P2B)<sup>1</sup>.

**Figura 2: Transações P2B**



Fonte: Abecs e Banco Central.

Outro destaque continuamente enfatizado por este relatório é a consolidação do Pix como um meio efetivo de pagamento, expandindo seu papel para além de uma ferramenta de transferência entre indivíduos<sup>2</sup>. No período de setembro de 2022 a setembro de 2023, a participação do Pix P2B no mercado total aumentou significativamente, crescendo 4,85 pontos percentuais e alcançando cerca de 15,7% do volume total de transações no mercado. É notável que essa mudança ocorreu, em grande parte, à custa da utilização de boletos, que apresentou uma redução de aproximadamente 5,4 pontos percentuais no mesmo período.

É importante mencionar que, apesar da queda observada, os boletos ainda mantêm a maior participação no mercado, representando cerca de 51% do volume total transacionado. No que diz respeito aos pagamentos com cartão, eles constituíram aproximadamente 33,5% do total de transações no mercado P2B em setembro de 2023, mantendo-se praticamente estáveis em comparação ao mesmo período de 2022 (+0,5 ponto percentual).

Conforme destacado anteriormente, o uso de cartões tem sido, ao lado do Pix, o principal impulsionador da digitalização da economia brasileira. A ampla adoção de cartões no país desempenha um papel crucial não apenas na redução das transações em dinheiro (*cash*), mas também na promoção de compras *online* (*e-commerce*) e compras por aproximação (*contactless*).



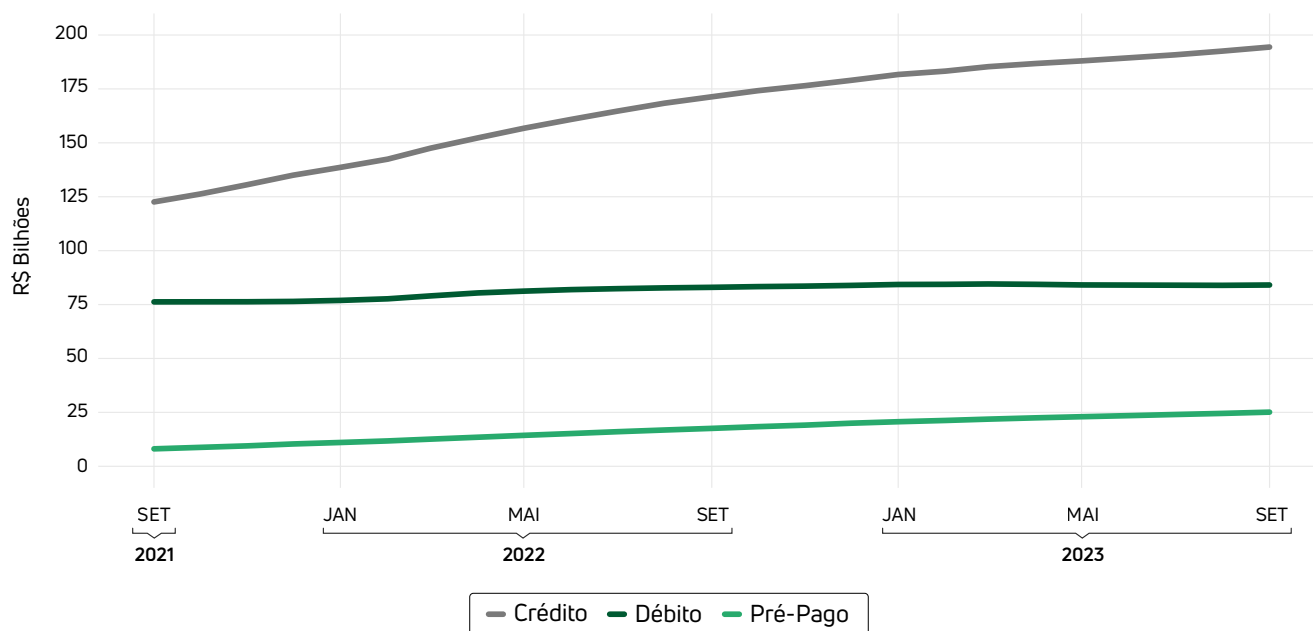
1. Os percentuais apresentados são apenas considerando as modalidades destacadas. Por ser de difícil mensuração e por não existirem dados oficiais, pagamentos em papel-moeda (*cash*), que ainda devem ter participação bastante relevante neste mercado, não foram contemplados na análise.

2. Em recente [estudo](#), o Banco Central estima que, em 2022, cerca de 54% de todo o volume financeiro movimentado via Pix foi com a finalidade de pagamentos por bens/serviços para empresas, negócios e entes governamentais.

Nesse contexto, a **Figura 3** oferece uma atualização sobre a evolução do volume de transações realizadas por meio de cartões. No terceiro trimestre-

tre de 2023, observou-se um aumento de aproximadamente 9,3% no total transacionado em comparação com o mesmo período do ano anterior.

**Figura 3: Mercado de Cartões: Total de Valor Transacionado (TPV)**



Média Móvel Anual  
Fonte: ABECS

Ao analisarmos as diferentes modalidades de transação, observamos um aumento de 10,9% nas transações de crédito, 31% nas transações pré-pago e um leve acréscimo de 0,1% nas transações de débito durante o terceiro trimestre de 2023. Em termos de quantidade de transações, o período marcou um notável recorde de 119 milhões de pagamentos diários realizados por cartão, acompanhado por um crescimento de 5,9% nas transações de débito, 35% nas transações pré-pago e um aumento de 11,3% nas transações com cartão de crédito, de acordo com dados da ABECS, sempre comparando com o terceiro trimestre de 2022.

Adicionalmente, houve uma queda de quase 3,7% no valor médio das transações com débito, atingindo R\$ 60,7 por transação. O menor valor médio, no entanto, pertence ao cartão pré-pago, totalizando R\$ 39,5, após se manter estável em relação ao mesmo período de 2022. Em contrapartida, o valor médio das transações com cartão de crédito aumentou aproximadamente 16,2%, atingindo cerca de R\$ 134.

É relevante destacar a reversão da tendência de queda no volume transacionado com cartão de débito no país. Como este relatório tem acompanhado, esse volume vinha apresentando declínio recentemente. No entanto, sempre destacamos que essa tendência de diminuição não refletia uma menor adoção dessa modalidade, mas sim uma redução no valor médio por transação. Portanto, considerávamos prematuro tirar quaisquer conclusões definitivas sobre as tendências envolvendo o uso do cartão de débito no país. O resultado positivo de crescimento no uso dessa modalidade no terceiro trimestre de 2023, tanto em termos de volume transacionado quanto em termos de quantidade de transações, reforça a ideia de que a evolução do uso do cartão de débito no Brasil ainda requer mais dados ao longo do tempo para consolidar uma tendência mais clara.

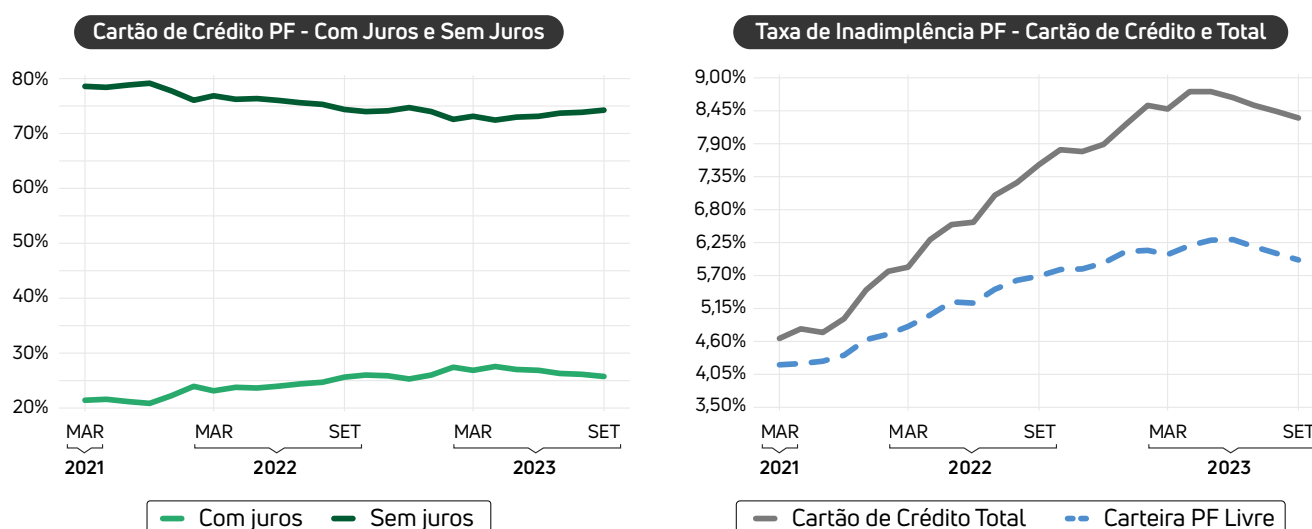




Outro fator de extrema importância que influencia diretamente o mercado de cartões no país, afetando não apenas o volume total de transações, mas também a distribuição relativa entre as diversas modalidades, é a situação geral da economia. Pode-se dizer que a política monetária se manteve restritiva ao longo do terceiro trimestre de 2023, ainda que se observe um afrouxamento com a redução da taxa Selic durante o período, que passou de 13,75% a.a. no início de julho de 2023 para 12,75% ao final de setembro de 2023. Dentro desse contexto, a **Figura 4** oferece uma visão atualizada do cenário macroeconômico no mercado de cartões de crédito no país, evidenciando um início de melhora, especialmente no que diz respeito à inadimplência no setor.

É perceptível que a grande maioria das transações ainda não está sujeita a taxas de juros, com as transações do tipo (cartão de crédito à vista e parcelado sem juros) representando aproximadamente 75% do saldo total da carteira de cartão de crédito para pessoas físicas<sup>3</sup> em setembro de 2023, um aumento de cerca de 2 pontos percentuais em relação a junho de 2023. O crescimento da participação no bolo da carteira de cartão que não incide juros é um primeiro sinal de melhora no cenário macroeconômico dessa modalidade, indicando uma redução relativa no uso das modalidades de rotativo e parcelado com juros em favor do uso das modalidades de crédito à vista e parcelado sem juros.

**Figura 4: Cartão de Crédito Para Pessoas Físicas: Com Juros x Sem Juros e Taxa de Inadimplência**



'Com Juros' = rotativo e parcelado com juros. 'Sem Juros' = à vista e parcelado sem juros.  
Fonte: Banco Central.

Outro dado relevante nesse contexto é a trajetória da taxa de inadimplência<sup>4</sup> total associada às transações realizadas com cartão de crédito por pessoas físicas, que vinha aumentando consistentemente desde o segundo semestre de 2021, mas registrou uma queda no terceiro trimestre de 2023. Ao encerrar o período, em setembro, a taxa de inadimplência referente ao cartão de crédito utilizado por pessoas físicas atingiu aproximadamente 8,3%, representando uma redução de 0,34 ponto percentual em relação ao patamar de ju-

nho de 2023. Essa diminuição, embora modesta, é significativa por ocorrer após um período prolongado de sucessivos aumentos nesta métrica de risco associada ao uso do cartão de crédito.

Ao compararmos com setembro de 2022, no entanto, ainda observamos um aumento na taxa de inadimplência da carteira ativa de cartão de crédito no país, de cerca de 0,8 ponto percentual. Por outro lado, apesar dessa redução recente, a taxa de inadimplência de 8,3% registrada para

3. As transações realizadas por pessoas físicas correspondem a cerca de 93% do volume total de transações realizadas com cartão de crédito no país.

4. Segundo a definição do Banco Central, uma carteira de crédito é considerada inadimplente quando está há pelo menos 90 dias sem pagamentos.

a modalidade de cartão de crédito ainda supera em aproximadamente 2,4 pontos percentuais a média de 5,9% observada na carteira livre<sup>5</sup> de pessoas físicas.

Portanto, a situação atual do mercado de cartões de crédito no país, embora ainda seja desafiadora em comparação com o mesmo período de 2022, começou a apresentar alguns sinais de melhora ao longo do terceiro trimestre de 2023. O destaque principal é a queda, mesmo que modesta, na taxa de inadimplência do produto, que pode estar relacionada ao menor uso observado por parte dos consumidores das modalidades de rotativo e parcelamento com juros sobre saldos pendentes das faturas.

Como sempre destacamos no 'Pagamento em Dados', e tal análise permanece válida apesar da recente melhora, além das questões relacionadas à situação econômica, um desafio crucial para a

indústria de cartões é incentivar o crescimento do uso do cartão de crédito de maneira paralela à promoção da cidadania e da educação financeira. Isso visa garantir que os cidadãos brasileiros utilizem o produto de maneira consciente, sem comprometer sua estabilidade financeira, e busquem manter níveis saudáveis de inadimplência dentro do setor. Neste sentido, é importante ressaltar que o início do afrouxamento da política monetária pelo Banco Central, com três cortes seguidos de 0,5 ponto percentual na Selic após as reuniões de agosto de 2023, setembro de 2023 e novembro de 2023, além do indicativo de cortes da mesma magnitude à frente, pode aliviar as atuais condições macroeconômicas adversas e auxiliar a indústria de cartões a alcançar uma dinâmica mais saudável entre crescimento, promoção da cidadania e educação financeira, mantendo uma trajetória positiva na inadimplência e no uso de modalidades sem juros.



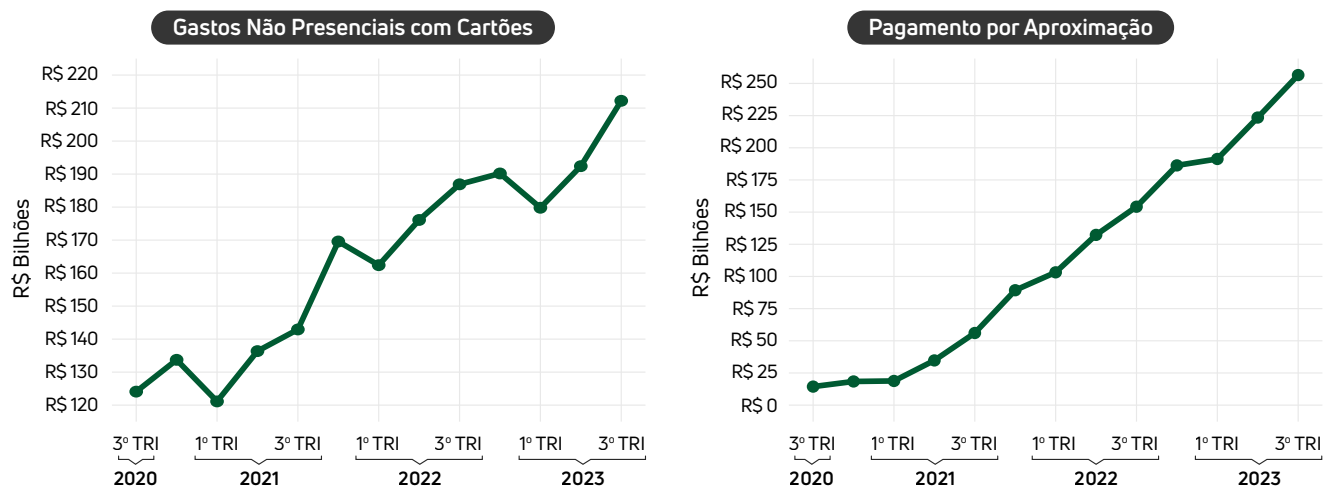
5. Correspondem aos contratos de financiamentos e empréstimos com taxas de juros livremente pactuadas entre instituições financeiras e mutuários (taxas de mercado). Nas operações livres, as instituições financeiras têm autonomia sobre a destinação dos recursos captados no mercado. Em jun/23, a carteira de recursos livres representava cerca de 56% do total da carteira para pessoas físicas no país.



Como uma última análise desta seção sobre o mercado de pagamentos no país, a **Figura 5** atualiza os números que evidenciam que a expansão do uso dos cartões por parte dos brasileiros

também tem contribuído com a digitalização dos meios de pagamentos no país através da promoção de compras *online* (gastos não presenciais) e compras por aproximação (*contactless*).

**Figura 5: Gastos não presenciais e pagamento por aproximação**



Fonte: ABCECS

Durante o terceiro trimestre de 2023, a ABCECS divulgou que os cidadãos brasileiros gastaram aproximadamente R\$ 212,2 bilhões por meio de transações não presenciais com cartões, revelando um aumento de cerca de 13% em comparação ao mesmo período de 2022. Esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo uso do cartão de crédito (+12,9%) e do cartão de débito (+40%) em compras *online*, realizadas em plataformas de *e-commerce* e aplicativos. Chama a atenção o fato de que o uso do cartão de débito em compras remotas cresceu acima da média nos últimos anos<sup>6</sup>, em mais um indicativo de que ainda é prematuro tirar qualquer conclusão sobre a tendência de uso desta modalidade no país.

Outra notável tendência na digitalização da economia brasileira, impulsionada pelo aumento no uso de cartões, é a crescente adoção de pagamentos por aproximação. No primeiro trimestre de 2023, esse método de pagamento registrou transações no valor de aproximadamente R\$ 256,5 bilhões, representando um crescimento de mais de 66% em comparação ao mesmo período de 2022. Ao final de setembro de 2023, aproximadamente 52,3% das transações presenciais realizadas com cartão ocorreram por meio da tecnologia de aproximação. Comparativamente, esse número era de 38,4% no mesmo período de

2022, e em 2021, era de apenas 19,6%. Esse rápido crescimento ilustra a popularidade crescente desse método de pagamento, beneficiando tanto os consumidores quanto os comerciantes, proporcionando maior rapidez, conveniência e segurança.<sup>7</sup> De acordo com a ABCECS, a expectativa é que, até dezembro de 2023, 56% das transações com cartões no país serão realizadas por meio da tecnologia de aproximação.

Uma característica notável das transações por aproximação é o ticket médio significativamente mais baixo. No terceiro trimestre de 2023, o ticket médio para compras com cartão de crédito foi de R\$ 84,5, representando uma redução de cerca de 36,7% em relação ao ticket médio geral dessa modalidade. Essa tendência também se reflete nas compras feitas com cartão de débito e pré-pago, que apresentaram uma diferença média de cerca de 25,5% e 13,1% a menos, respectivamente. Esses dados sugerem que a tecnologia de aproximação é mais popular para pagamentos de menor valor, principalmente devido à conveniência de não exigir a digitação de senhas para essas transações. Considerando que senhas são necessárias para pagamentos de valores mais altos por questões de segurança, há um incentivo para escolher essa modalidade, especialmente para compras de menor valor.

6. Se avaliado o crescimento em relação ao período antes da pandemia, o uso do débito em compras não presenciais subiu 393,7%, enquanto o do cartão de crédito cresceu 145,8%.

7. Segundo pesquisa realizada pela ABCECS em parceria com o Instituto Datafolha, 87% dos entrevistados consideram comodidade e rapidez como os principais benefícios do pagamento por aproximação. A mesma pesquisa aponta que o pagamento por aproximação é mais popular na faixa etária de 18 a 24 anos (usada por 81% dos entrevistados nesta faixa etária) e menos popular entre pessoas com mais de 60 anos (usada por apenas 35% dos entrevistados nesta faixa etária).



## 2. Vendas em Varejo e em Serviços

Após um primeiro semestre surpreendentemente positivo para as vendas nos setores de comércio varejista e serviços no país, o terceiro trimestre tem confirmado a tendência - também destacada na última versão deste relatório - de um arrefecimento da atividade em ambos os segmentos no segundo semestre de 2023. Por outro lado, o Banco Central iniciou o processo de afrouxamento da política monetária, o que parece já ter tido impacto positivo na economia brasileira, porém apenas no que diz respeito aos parâmetros de inadimplência e de comprometimento de renda das famílias, que finalmente começaram a ceder após longos períodos seguidos de alta. Impactos deste arrefecimento da política monetária sobre o desempenho de vendas no varejo e em serviços só devem ser relevantes a partir de 2024.

Olhando especificamente para o comércio varejista, a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE e principal termômetro do setor, apontou que o terceiro trimestre do ano para o varejo foi um pouco melhor do que o previamente esperado, tendo como destaques positivos as altas mensais nos meses de julho (+0,7%) e de setembro (+0,6%), com uma pequena queda em agosto (-0,1%). No agregado, o varejo restrito cresceu 0,8% no terceiro trimestre em comparação com o segundo, enquanto o varejo ampliado - que inclui veículos, material de construção e 'atacarejo', tendo maior ligação com o Produto Interno Bruto - permaneceu estável na mesma base de comparação. Na comparação anual, o comércio varejista fechou o terceiro trimestre com uma alta de 3,3% em relação a setembro de 2022, com este cresci-

mento sendo um pouco menor na versão ampliada do índice, de 2,9%.

Já o **Índice Stone Varejo**<sup>8</sup>, importante métrica que acompanha a atividade do comércio varejista do país e tem como uma de suas vantagens uma frequência de divulgação mais rápida que a da PMC, corrobora com a tese de arrefecimento do comércio varejista no país identificada pelos dados divulgados pelo IBGE, indicando uma certa estabilidade no cenário, principalmente após resultado em setembro positivo. A **Figura 6**, especificamente, apresenta os resultados do **Índice Stone Varejo** até out/23, ou seja, com dados um mês à frente da PMC. Vemos que, nos dados mais recentes de out/23, o **Índice Stone Varejo** aponta arrefecimento do comércio varejista brasileiro em relação a set/23, de 2,8%, já ajustado para os efeitos sazonais<sup>9</sup>. Tal resultado frustrou expectativas prévias de melhora no cenário do varejo do país, após um set/23 de crescimento positivo de acordo com o Índice (+1,9% vs set/22) e que deixava em aberto a possibilidade de uma melhora firme no desempenho do setor para o restante do ano. Os dados de outubro recolocam os índices em níveis similares aos registrados em agosto, indicando que, possivelmente, a alta registrada em setembro tenha sido uma exceção. Ainda, com estes resultados, há uma piora dos prospectos para o final do ano e o diagnóstico para o varejo brasileiro segundo o **Índice Stone** volta a ser de estabilidade, com possibilidade de queda, ao invés de melhora. Quando olhamos para a comparação anual com outubro de 2022, a queda registrada pelo índice também foi de 2,8%.

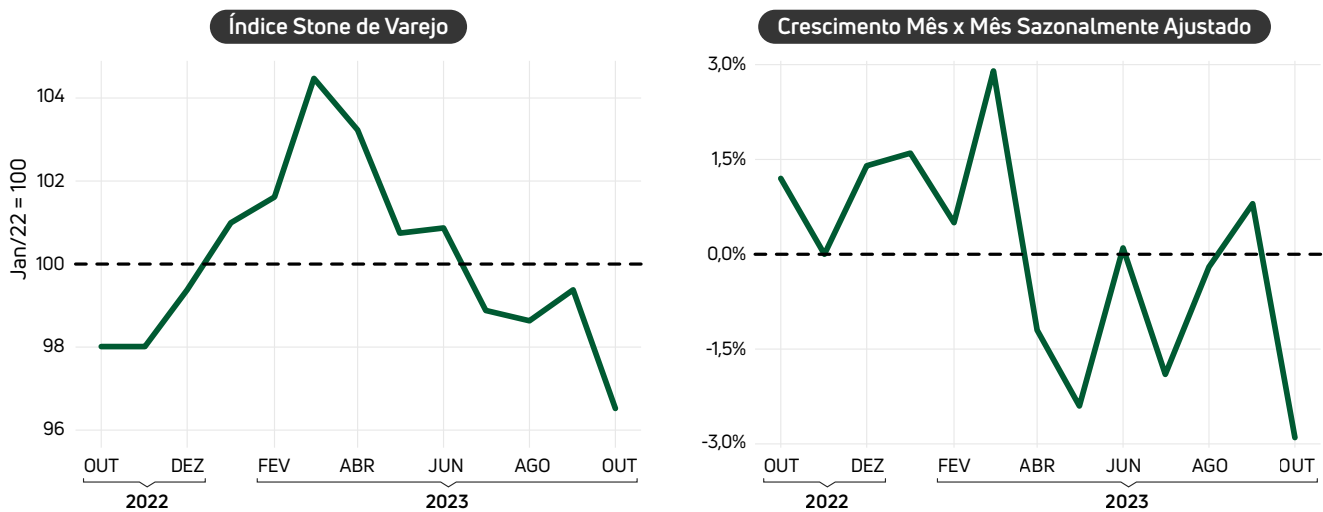
8. A StoneCo é uma provedora líder em tecnologia financeira e soluções de software que empodera empreendedores na gestão e na expansão de seus negócios para que realizem suas vendas em múltiplos canais de maneira integrada e sem atrito. Esse propósito coloca a Companhia em contato direto com milhões de comerciantes de diversos portes e segmentos em todo o território nacional, capturando dados que auxiliam na avaliação do desenvolvimento econômico do país. Foi com esse objetivo que desenvolvemos o Índice de Atividade Econômica Stone Varejo, calculado com dados públicos da Receita Federal e dados transacionais de cartão dos clientes do grupo StoneCo. Ele apresenta correlação acima de 90% com a PMC/IBGE a nível nacional.

9. O relatório completo do Índice Stone Varejo de out/23, bem como os dados completos do indicador apresentados, podem ser encontrados em: [Stone Varejo: outubro registra nova queda de 2,8% no setor](#)

Portanto, o Índice Stone Varejo aponta que o comércio varejista segue enfrentando dificuldades para sustentar um período positivo de aumento de vendas no cenário macroeconômico atual, ante-

cipando uma queda importante em out/23 (após acréscimo de vendas em set/23 apontados tanto pela PMC quanto pelo Índice Stone) e comprometendo a expectativa para o último trimestre do ano.

**Figura 6: Índice Stone Varejo**



O Índice Stone de Varejo mede o volume transacionado no comércio varejista a partir de dados transacionais Stone. Inclui os segmentos de Material de Construção, Combustíveis e Veículos e Peças. Por padrão, o setor de Combustíveis é incluído no índice restrito do IBGE. No entanto, dado as limitações de nossa base, e seguindo o exemplo dos indicadores de outros países, optamos por excluí-lo. **Fonte:** Stone Co.

Na análise do comércio varejista por setores, a **Figura 7** acompanha a evolução do volume de vendas do varejo brasileiro, separado pelos diversos segmentos que formam o setor. Vemos que o terceiro trimestre do ano continuou a tendência apontada anteriormente neste relatório e observada também ao longo do primeiro semestre: devido ao nível da taxa de juros e à inflação mais baixa, as vendas de itens de maior valor agregado têm sido afetadas e os consumidores têm priorizado a compra de bens essenciais, influenciados pelo bom momento do mercado de trabalho no país.

Tal como observado no primeiro semestre do ano, segmentos como *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* têm contribuído para a estabilidade do varejo restrito. Esses segmentos se beneficiaram da redução da inflação interna (em especial no preço de alimentos consumidos em domicílio<sup>10</sup>), de transferências fiscais do governo (como o Bolsa Família), do aumento real

do salário-mínimo e principalmente do forte desempenho do mercado de trabalho no país, que começou o ano com uma taxa de 9,3% de desemprego e chegou a 7,7% em set/23. Em particular, o segmento de *Hipermercados, Supermercados e Produtos Alimentícios*, principal componente da PMC, com 54% de participação na composição do índice, tem tido contínuos resultados de melhoras, acumulando alta de 3,6% em relação aos primeiros 9 meses de 2022 e sendo o principal responsável pelos patamares ainda positivos do varejo brasileiro em 2023.

Por outro lado, segmentos como *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação*, com um aumento acumulado no ano de 1,2%, e *Móveis e eletrodomésticos*, com um aumento de 1,1%, estão em um caminho de estabilidade que não deve ser revertido até que ocorra uma melhora significativa na situação do mercado de crédito para pessoas físicas no país. Esses segmentos do varejo são bastante dependentes de financiamento e, conseqüentemente, das taxas de juros e níveis de endividamento.

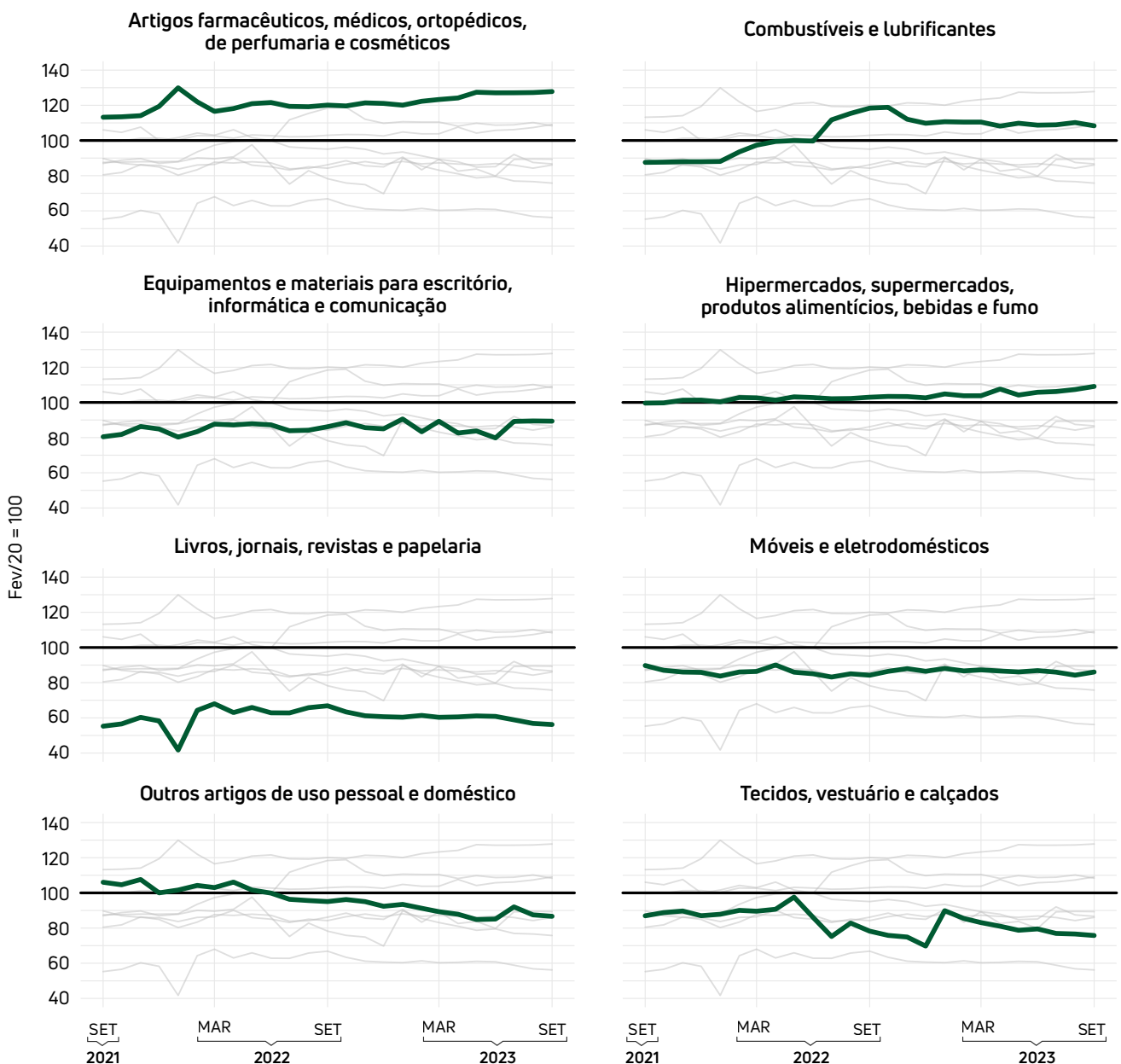
**10.** Na visão acumulada nos últimos 12 meses, a taxa de inflação dos alimentos comprados para consumo em casa caiu de 13,3% em setembro de 2022 para uma deflação de 0,78% em setembro de 2023, conforme indicado pelo IPCA. Essa queda de preços é especialmente vantajosa para as pessoas de menor renda, já que os alimentos representam uma parcela maior dos gastos na cesta de compras dessas famílias.



Em suma, ainda que os resultados se mantenham em patamares positivos, o varejo brasileiro teve resultado modesto no terceiro trimestre de 2023. Em especial, quando olhamos a composição da PMC no terceiro trimestre por setores, vemos que o varejo foi sustentado por consumo de supermercado, itens essenciais para as famílias. Já a parte de consumo discricionário - vestuário, móveis e eletrodomésticos - tem andado de lado. A política monetária restritiva do Banco Central e os decorrentes juros altos no mercado de crédito parecem ser a melhor explicação para a modesta evolução do setor, devido a esta ampla gama de segmentos do varejo brasileiro com vendas dependentes do acesso a créditos destinados a consumo (crédito pessoal e aquisição de bens).



**Figura 7: Volume de Vendas no Comércio Varejista, por setores**



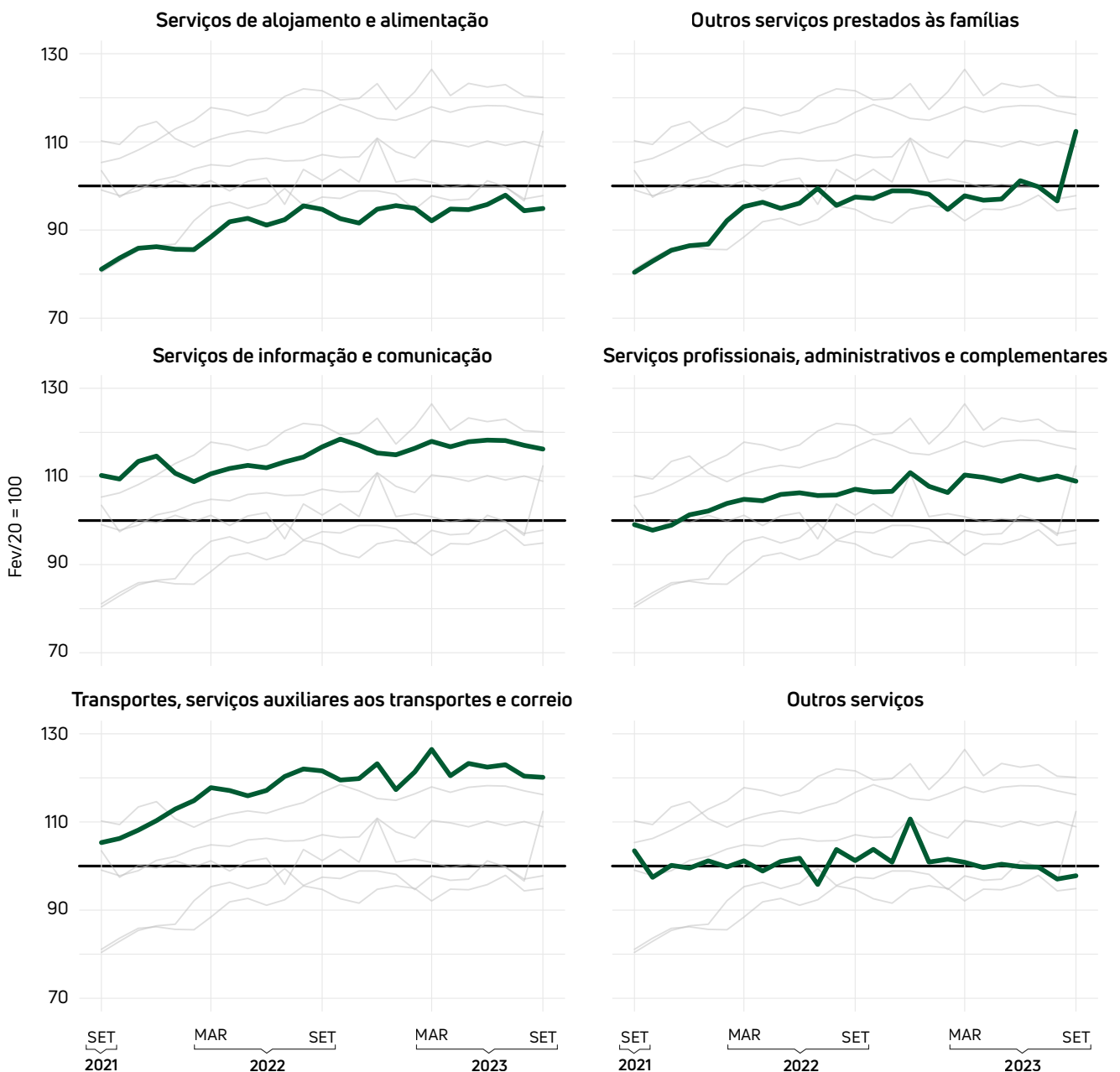
Volume de vendas ajustado sazonalmente.  
Fonte: IBGE

O segmento de serviços, por sua vez, teve um desempenho no 3º trimestre de 2023 bem inferior àquele observado no primeiro semestre do ano, confirmando a hipótese de que o setor teria dificuldades no segundo semestre de 2023, com o fim dos benefícios decorrentes da safra recorde produzida pelo agronegócio brasileiro. A **Figura 8** traz a evolução do volume de vendas nos diversos segmentos do setor de serviços no Brasil, conforme resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), o principal termômetro do setor, produzida pelo IBGE.

Como destacamos no último relatório, o segmento de serviços, em especial o de *Transpor-*

*tes, serviços auxiliares aos transportes e correio*, vinha sendo impulsionado pelo setor agrícola brasileiro, que levou dinamismo aos serviços prestados no país no primeiro semestre do ano em diversas frentes, como no próprio escoamento da produção agrícola, via transporte rodoviário de cargas, no aluguel de maquinário e também no impacto na gestão de postos e terminais. Com o fim dos benefícios provenientes dessa safra recorde, o 3º trimestre do ano evidenciou dificuldades para a manutenção do bom desempenho do setor. Em especial, após 30 altas seguidas, a métrica de comparação anual (mês do ano contra o mesmo mês do ano anterior) computada pela PMS apresentou uma queda em set/23, de 1,2%.

**Figura 8: Volume de Vendas em Serviços, por setores**



Volume de vendas ajustado sazonalmente.  
Fonte: IBGE

Por outro lado, o resultado bastante expressivo do primeiro semestre ainda ‘segura’ números positivos para o setor nos primeiros nove meses de 2023 na comparação com os primeiros nove meses de 2022: crescimento de 4,6% nos *Serviços Prestados às Famílias*, de 4,2% nos *Serviços de informação e comunicação* e de 3,4% nos *Serviços de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio*. Para o restante de 2023, porém, é esperado uma continuidade do esfriamento do setor iniciada no terceiro trimestre: como mencionado, não se espera mais uma contribuição significativa do setor de transportes devido ao esfriamento da atividade agropecuária. Além disso, os serviços às famílias já andaram de lado no terceiro trimestre (queda de 3,8% em ago/23, seguida de uma recuperação em set/23, com incremento de 3%) e não está claro se haverá uma recuperação mais robusta, considerando que as famílias ainda estão com níveis elevados de comprometimento de renda. Ademais, fatores macroeconômicos positivos, como a redução das

taxas de juros iniciada em agosto, ainda não devem ter um impacto claro neste ano sobre o setor.

Ao longo dos relatórios recentes sobre o mercado de pagamentos no país, temos acompanhado uma das principais razões para a desaceleração da atividade no comércio varejista e nos serviços prestados, que é a atual condição macroeconômica adversa. Porém, o ponto mais crítico desse cenário negativo parece ter ficado no primeiro semestre do ano, com o terceiro trimestre começando a mostrar algumas melhorias, especialmente após o início do processo de afrouxamento da Política Monetária pelo Banco Central em agosto. Esse movimento tende a beneficiar as vendas no varejo e nos serviços, proporcionando um alívio no orçamento das famílias e impulsionando o consumo. No entanto, é importante notar que a maioria dos efeitos positivos sobre esses setores será percebida apenas a partir de 2024, conforme os impactos desse arrefecimento monetário se consolidam.



A **Figura 9** destaca a evolução das taxas de juros praticadas no país ao longo de 2023 e um dos aspectos que mais tem pesado no bolso do consumidor brasileiro: boa parte da renda das famílias do país está sendo comprometida diretamente com o pagamento de juros e amortização de dívidas. Porém, sob um olhar positivo, vemos uma recente melhora nos dados de inadimplência e comprometo-

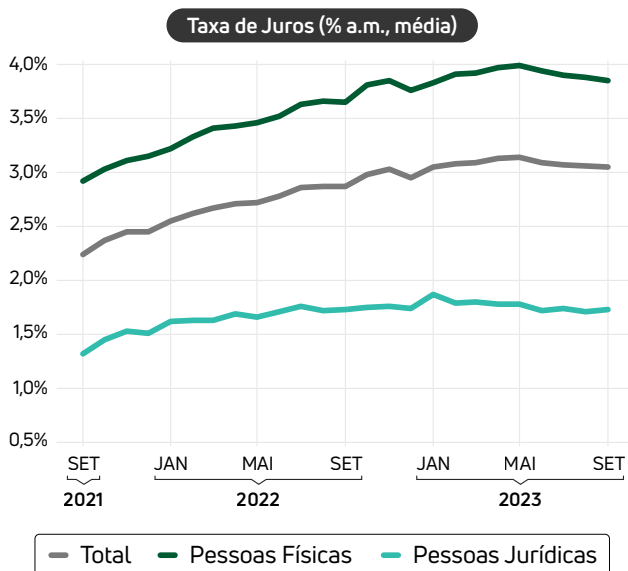
timento da renda, puxados pela queda recente na taxa de juros praticadas no país. Essa queda ainda é pequena, cerca de 0,04 p.p entre jun/23 e set/23 na taxa de juros geral e de 0,09 p.p na taxa de juros praticada para pessoas físicas, porém já passamos a observar um certo alívio na inadimplência e comprometimento de renda das famílias, movimento esse que deve ficar mais claro até o fim de 2023.



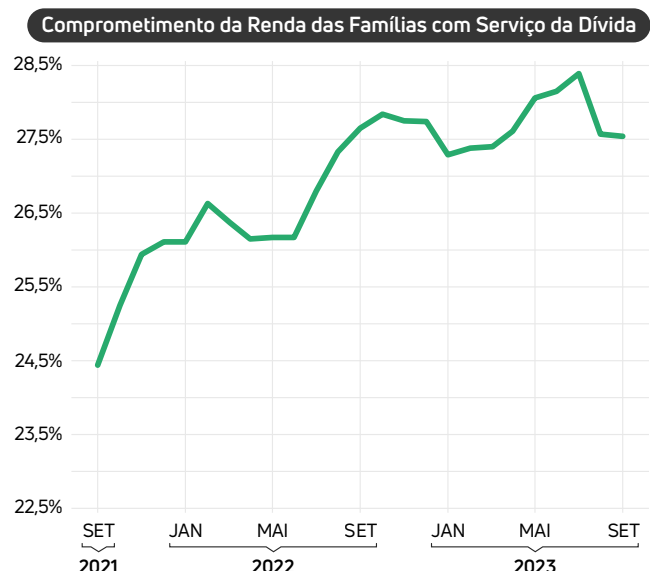
Uma das principais métricas existentes para acompanhar a evolução do aperto monetário no país é a proporção da renda das famílias brasileiras que é destinada exclusivamente ao pagamento de juros e à redução de dívidas. Depois de ter se estabilizado e até apresentado uma leve diminuição no segundo semestre de 2022, esse indicador tinha retomado seu crescimento nos primeiros seis meses de 2023, porém o terceiro trimestre do ano passou a representar certo alívio. Entre jun/23 e ago/23, a parcela da renda comprometida com o reembolso das obrigações financeiras das famílias brasileiras caiu aproximadamente 0,85 p.p., atingindo o nível de 27,5% de todos os ganhos familiares destinados a pagamentos de empréstimos. Esse número representa o ponto mais baixo dessa série desde março deste ano e pode ser um indicativo de melhores ventos à frente na situação das

dívidas das famílias brasileiras. Em comparação com ago/22, ago/23 também mostra certo alívio na métrica, com uma queda de 0,11 p.p.. Porém, quando contrastado com ago/21, ainda vemos um crescimento expressivo, de 3,1 p.p. ressaltando a importância do aperto monetário recente no país e evidenciando que ainda há um longo caminho a ser percorrido neste cenário. É fundamental destacar também que o programa "Desenrola", promovido pelo Governo Federal e que tem como objetivo justamente melhorar esse cenário ainda bastante elevado de comprometimento de renda das famílias, tem contribuído para a melhora desse cenário, talvez mais até que o ainda recente alívio na política monetária conduzida pelo Banco Central (tipicamente, os efeitos de qualquer mudança na taxa de juros básica do país, a Selic, demora alguns meses para ser sentida na prática).

**Figura 9: Taxa de Juros e Comprometimento de Renda das Famílias**



Apenas créditos sem destinação específica.



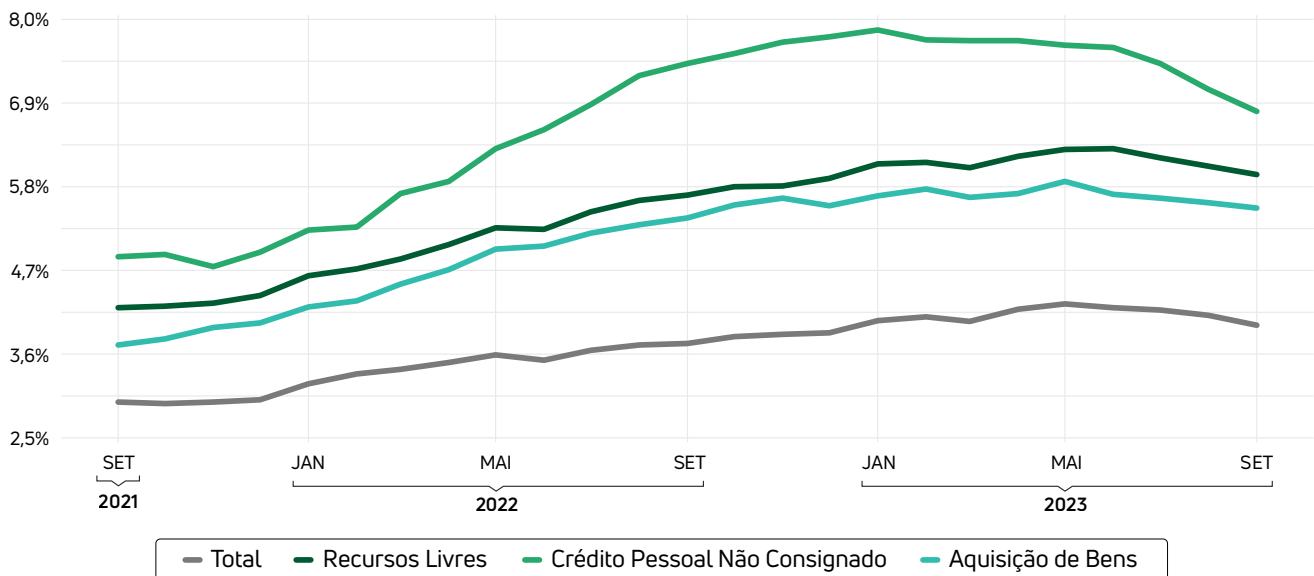
Com ajuste sazonal. O comprometimento de renda considera tanto pagamento de juros quanto de amortização.

Fonte: Banco Central

Nesse mesmo contexto da capacidade das famílias brasileiras em manter em dia o pagamento dos empréstimos adquiridos, a **Figura 10** chama a atenção para um dos resultados principais causados pelo comprometimento significativo da renda das famílias: o notável aumento da inadimplência<sup>11</sup>, porém o pico dessa métrica parece ter passado, com uma evolução positiva marginal no parâmetro ao longo do terceiro trimestre de 2023. Entre

jun/23 e set/23, a proporção da carteira de crédito ativa de pessoas físicas em situação de inadimplência caiu de aproximadamente 4,2% para cerca de 4%, indicando um decréscimo de 0,23 ponto percentual. Desde dezembro de 2022, esse aumento foi de cerca de 0,33 ponto percentual. Em uma análise comparativa com o último ano, porém, set/23 ainda apresenta um aumento de 0,24 p.p. em relação a set/22.

11. Segundo a definição do Banco Central, uma carteira de crédito é considerada inadimplente quando está há pelo menos 90 dias sem pagamentos.

**Figura 10: Inadimplência de Pessoas Físicas - Total e Aquisição de Bens**

Apenas créditos para pessoas físicas.  
Fonte: Banco Central.

Olhando especificamente a taxa de inadimplência entre pessoas físicas para empréstimos livres (sem destinação específica)<sup>12</sup>, vemos que essa métrica atingiu cerca de 5,96% em set/23, o que representa uma queda de 0,34 ponto percentual desde jun/23, porém ainda significa um aumento de 0,27 p.p. na comparação anual, com set/22. No segmento de empréstimos para *Aquisição de Bens*<sup>13</sup>, fundamental para o setor de varejo de produtos duráveis, a taxa de inadimplência alcançou cerca de 5,5% em setembro, também representando uma melhora marginal na comparação com jun/23, de queda de 0,18 p.p. Já o *Crédito Pessoal Não Consignado*, também essencial para o consumo de bens e serviços de maiores valores agregados, teve uma queda mais representativa ao longo do terceiro trimestre de 2023, de 0,84 p.p. na comparação entre junho e setembro. Além disso, também observamos uma queda na comparação com set/22, de 0,63 p.p. De qualquer forma, apesar dessa importante recente melhora nas métricas de inadimplência, indicando que o pior momento desta métrica talvez tenha passado, ainda mais levando em consideração o ainda em andamen-

to processo de arrefecimento da política monetária, os patamares de risco e comprometimento de renda das famílias ainda estão bastante elevados, prejudicando o desempenho do varejo e dos serviços prestados no país.

O terceiro trimestre de 2023 registrou uma desaceleração ainda mais pronunciada no volume de vendas do setor varejista e de serviços, sendo diretamente influenciado pelo cenário macroeconômico do país. No aspecto positivo, observamos que os segmentos essenciais e mais diretamente ligados à renda disponível das pessoas apresentaram um desempenho melhor nesse ambiente. Isso se deve a fatores como o baixo índice de desemprego, a redução da inflação e o aumento real dos salários-mínimos. No entanto, no lado negativo, notamos que os setores de bens com maior valor agregado e mais dependentes de concessões de crédito enfrentam dificuldades para manter um crescimento expressivo. Esse cenário é influenciado pelo elevado comprometimento da renda das famílias, pelas altas taxas de juros e pela inadimplência no mercado de crédito, apesar das melhorias percebidas ao longo do período.

**12.** Correspondem aos contratos de financiamentos e empréstimos com taxas de juros livremente pactuadas entre instituições financeiras e mutuários (taxas de mercado). Nas operações livres, as instituições financeiras têm autonomia sobre a destinação dos recursos captados no mercado. Em set/23, a carteira de recursos livres representava cerca de 55,3% do total da carteira para pessoas físicas no país.

**13.** Financiamentos para compra de bens (veículos / outros bens) destinados à manutenção ou ao aumento da capacidade produtiva das pessoas jurídicas contratantes, configurando-se como investimento, ou ao consumo das pessoas físicas contratantes. No caso de veículos, o contrato deve conter cláusula de alienação fiduciária, com o bem financiado constituindo a garantia da operação. Os financiamentos de veículos destinados à formação de estoques comerciais não são classificados nesta modalidade.

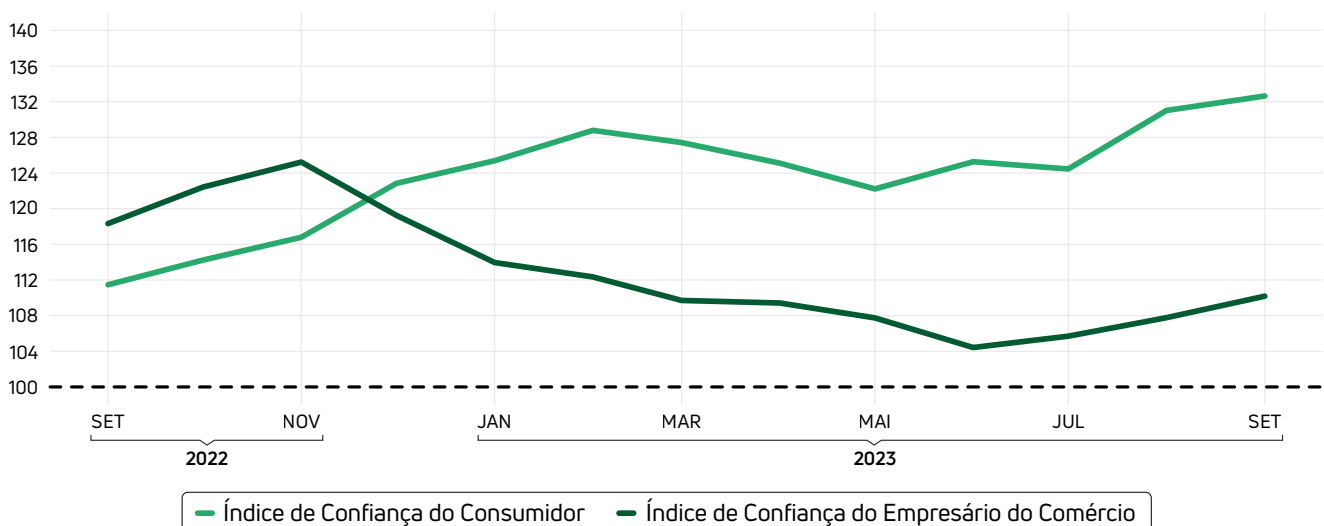


À medida que todos esses fatores continuam a interagir no último trimestre do ano, que geralmente é favorável às vendas no varejo e serviços, a questão-chave é compreender como a atividade econômica desses setores se encerrará em 2023. Além disso, como mencionado anteriormente, é crucial observar a trajetória da taxa básica de juros da economia. Em novembro, o Copom reduziu a taxa SELIC em mais 0,5 ponto percentual, levando-a a 12,25% ao ano. O colegiado também anunciou pelo menos mais duas reduções de igual magnitude nas reuniões programadas para dezembro deste ano e janeiro do próximo. Entender como esse movimento de afrouxamento monetário impactará as vendas de serviços e do comércio varejista nos diversos segmentos continuará sendo um tema relevante nas próximas edições deste relatório. Neste sentido, há uma perspectiva mais otimista para 2024, quando os efeitos dessas medidas devem ser plenamente sentidos, impulsionando os gastos de consumo das famílias brasileiras no próximo ano.

A **Figura 11**, por fim, traz as atualizações referentes aos níveis de confiança do empresário e do consumidor no setor comercial até set/23. O principal destaque ao olharmos para essas métricas no terceiro trimestre do ano é a reversão da tendência negativa observada até então no índice de confiança do empresariado. Após 6 quedas seguidas entre dez/22 e jun/23, a confiança dos empresários voltou a subir no terceiro trimestre de 2023: aumento de 5,5% entre set/23 e jun/23. Em especial, vemos uma melhora importante no subindicador "Índice das Condições Atuais do Empresário do Comércio", que subiu 8,4% ao longo do terceiro trimestre do ano, talvez um resultado direto de como o empresariado tem visto o recente arrefecimento da política monetária promovido pelo Bacen, além das recentes melhorias nos índices de inadimplência de linhas de crédito fundamentais para o varejo brasileiro, como a de Aquisição de Bens e a de Crédito Pessoal Não Consignado.

Além disso, a **Figura 11** aponta que a confiança do consumidor continuou o contínuo processo de melhoria, que vem desde o final de 2022: crescimento de 5,9% entre jun/23 e set/23 e acumulado de 8% desde dez/22. Isso se deve, em grande parte, ao crescimento do "Índice das Condições Econômicas Atuais", que teve um aumento de cerca de 27% entre dez/22 e set/23. Conforme destacado anteriormente, a resiliência do mercado de trabalho, os programas de apoio financeiro do governo federal e o aumento real do salário-mínimo têm desempenhado um papel fundamental na melhoria das perspectivas e parecem ser os principais fatores por trás desta constante melhora no patamar de confiança dos consumidores.

**Figura 11: Confiança do Consumidor e do Empresário do Comércio**



100 é considerado 'valor neutro de expectativa'.  
Fonte: FecomercioSP.



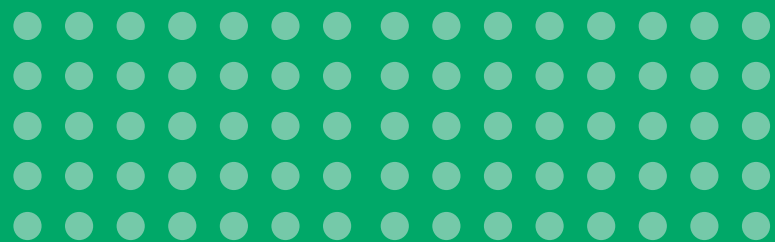
### 3. Conclusão

Neste relatório, em que apresentamos uma visão geral do mercado de pagamentos no Brasil ao longo do terceiro trimestre de 2023, pudemos observar que foi um período de consolidação de tendências apontadas nas edições prévias desse relatório, notadamente, a crescente digitalização dos pagamentos brasileiros, estimulada pelo uso do Pix e de cartões. Os destaques são o aumento do uso do Pix no mercado P2B e o aumento do uso das modalidades *online* e *contactless* nos pagamentos com cartões. Outro dado positivo no período é a redução de 0,34 p.p. no nível de inadimplência, em comparação a jun/23, e a redução de 0,85 p.p. na proporção da renda das famílias comprometida com pagamento de serviços da dívida no mesmo período. Ambas as reduções são pequenas, mas podem indicar uma tendência positiva, sobretudo diante do afrouxamento da política monetária, com o Banco Central promovendo sucessivos cortes da Selic ao longo desse período.

Em relação à atividade econômica, na análise trimestral, o setor de serviços apresentou uma

queda de 1,2% na comparação entre set/23 vs set/22. Com esse resultado, o 3º trimestre reverte a tendência de sucessivas altas observada no primeiro semestre, muito em decorrência da safra recorde produzida nos dois primeiros trimestres do ano, que vinha impulsionando serviços relacionados, sobretudo serviços de transporte para escoar a safra. Já o varejo apresentou sinais de estabilização com um baixo crescimento de 0,8% no varejo restrito no 3º trimestre, em relação ao trimestre anterior, e manutenção do patamar do varejo ampliado no mesmo período, segundo dados da PMC. O **Índice Stone Varejo**, com uma frequência de divulgação mais rápida que a da PMC, já apresenta dados divulgados referentes a outubro, trazendo uma nova queda do volume de vendas do varejo, o que sugere cautela para as expectativas do final de ano. Por outro lado, uma melhora no cenário macroeconômico ainda pode estimular o varejo na reta final do ano, uma expectativa positiva baseada nas melhoras das métricas de endividamento e redução dos juros.





**Diagramação:**  
Gabriel Madeira

**Conteúdo:**  
Morgana Tolentino  
Guilherme Vergara  
Rômulo Carvalho

Mais informações: [contato@institutopropague.org](mailto:contato@institutopropague.org)



instituto

**Propague**

**stone**